



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

SANGUE E VÔMITO
– REINSCRIÇÃO TRANSGRESSIVA EM ISAÍAS 4.2-6¹
Blood and vomiting – transgressive reinscription in Is 4,2-6

Oswaldo Luiz Ribeiro²

But how is one to interpret this complex structure?³

A principal medium of transgressive reinscription is fantasy.⁴

Resumo: Este artigo trata da identificação do recurso retórico da “reinscrição transgressiva” no nível histórico-redacional de Isaías 4.2-6. Oferece um esboço de análise retórica e histórico-social da pericope, após revisão da literatura relacionada à “reinscrição transgressiva”. O oráculo utiliza representativo conjunto de termos técnicos sacerdotais, inclusive de termos de uso exclusivo do Templo de Jerusalém, transgredindo-os no sentido de sua naturalização e neutralização, sendo possível identificar, no horizonte de produção do poema, a presença de comunidade campesina, sob a liderança político-religiosa de mulheres, em conflito com o poder hierocrático hegemônico do clero de Jerusalém. Isaías 4.2-6 constitui um quiasmo em cujo centro – v. 4 – elabora-se o papel da liderança profético-extática feminina, que espera retornar ao *mínus* sagrado após intervenção de Yahweh, após o que a comunidade campesina voltará a sentir orgulho e honra de seu trabalho, ela que é a autêntica “glória de Yahweh”.

Palavras-chave: Reinscrição transgressiva. Liderança profética feminina. Comunidade campesina. Templo de Jerusalém.

■ **Abstract:** This article is about the identification of the rhetorical resource “transgressive reinscription” in the historical-redactional level of Is 4,2-6. It offers a outline of rhetorical and historical-social analysis of the passage, after the review of the literature related to

¹ O artigo foi recebido em 20 de fevereiro de 2012 e aprovado em 7 de maio de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, Vitória/ES, Brasil. Contato: osvaldo@faculdadeunida.com.br

³ NIELSEN, Kirsten. *There is Hope for a Tree – the tree as metaphor in Isaiah*. Sheffield: Sheffield Press, 1985. p. 182. “Mas como se poderia interpretar essa estrutura complexa?” (tradução própria).

⁴ DOLLIMORE, Jonathan. *Sexual Dissidence – Augustine to Wilde, Freud to Foucault*. Oxford: Clarendon Press, 1991. p. 324. “O principal meio de reinscrição transgressiva é a fantasia.” (tradução própria).

“transgressive reinscription”. The oracle uses representative set of priestly technical terms, including terms for the exclusive use of the Temple of Jerusalem, transgressing them in the direction of its naturalization and neutralization, being possible to identify, in the horizon of production of the poem, the presence of peasant community, under political and religious leadership of women, in conflict with hegemonic hierocratic power of the clergy of Jerusalem. Is 4,2-6 constitutes a chiasmus in whose center – v. 4 – the writer elaborates the role of the prophetic-ecstatic female leadership, which hopes to return to the holy service after the intervention of Yahweh, after which the peasant community again will feel pride and honor of its work, for it is the true “glory of Yahweh”.

Keywords: Transgressive reinscription. Prophetic female leadership. Peasant community. Temple of Jerusalem.

Introdução

À margem do primeiro parágrafo da p. 137 do *História e Teoria Social*, de Peter Burke⁵, escrevi à caneta: “Is 4.2-6”. Foi no parágrafo em questão que me deparei pela primeira vez com a expressão “reinscrição transgressiva”. A essa altura, eu já havia gasto muitas horas de exegese com Is 4.2-6, e a explicação que Burke dava para o conceito caía como uma luva sobre o que eu vira, tempos antes, naquele pequeno pedaço de memória pós-exílica.⁶

Lia a seção “Conceitos Centrais”, onde Burke procura enumerar o “aparato conceitual criado pelos teóricos sociais”⁷, que, segundo ele, os historiadores deveriam usar em suas pesquisas. Na seção “Comunicação e Recepção”⁸, Burke esboça modelos de apropriação, pela “audiência”, de elementos diversos da ideologia dominante. A certa altura, então, encontra-se o seguinte:

Um conceito fundamental nesta discussão é o da “apropriação”, às vezes acompanhado de seu oposto complementar, a “recuperação” de objetos e significados da cultura oficial ou dominante. A expressão “reinscrição transgressiva” foi cunhada para realçar o modo pelo qual um grupo adota e adapta ou converte, inverte e subverte o vocabulário de outro⁹.

Naquele momento, não me era possível constatar que se tratava de uma “síntese inflacionada” do conceito de “reinscrição transgressiva” conforme originalmente elaborado. A revisão da literatura revelaria que a sua formulação é reiteradamente

⁵ BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: UNESP, 2002.

⁶ Não é incomum a datação pós-exílica para Is 4.2-6 – por exemplo, SWEENEY, Marvin Alan. *Isaiah 1-39: with an introduction to prophetic literature*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996. p. 94, e WILDBERGER, Hans. *Isaiah: Isaiah 1-12*. Minneapolis: Fortress, 1991. p. 164-165.

⁷ BURKE, 2002, p. 67(-143).

⁸ BURKE, 2002, p. 135-138.

⁹ BURKE, 2002, p. 137.

atribuída ao crítico social Jonathan Dollimore, que, em sua obra *Sexual Dissidence – Augustine to Wilde, Freud to Foucault*¹⁰, assim define o “aparato conceitual” constituído pela expressão “reinscrição transgressiva”: “um retorno a algo e a perversão dele típica se não exclusivamente por meio de inversão e deslocamento”¹¹. Dollimore aplica ao conceito de reinscrição transgressiva a ideia de uma “prática de oposição que também é uma perspectiva e linguagem que constantemente interpretam e representam todas as seções de uma cultura, incluindo suas frações dominantes e subordinadas, tanto suas identidades convencionais como também as divergentes”¹².

O objetivo do presente artigo é esboçar a proposta de aplicação do conceito de reinscrição transgressiva a Is 4.2-6.

Reinscrição transgressiva – revisão da literatura e conceito

A análise das formulações de Dollimore e a revisão da literatura sobre “reinscrição transgressiva” pressupõem (a) a proximidade espaço-temporal dos agentes envolvidos na relação em que se circunscreve a transgressão¹³; (b) oposição entre cultura dominante (como a “ortodoxia repressiva”, por exemplo¹⁴) e cultura subordinada¹⁵; (c) que, por conta da vigência de normas repressoras, desenvolva-se entre os atores sociais uma “dinâmica perversa”¹⁶, que, gerando instabilidade na subordinação de uma das partes às normas vigentes, acabe por oportunizar a instalação de uma agenda transgressora que se revolta contra a norma instauradora do conflito.¹⁷ Todavia, a agenda transgressora e a revolta contra a norma instauradora do conflito podem dar-se de forma não exatamente direta, materializando-se, antes, na forma de inversão ou deslocamento de normas sociais ou convenções literárias¹⁸, expressando-se por meio

¹⁰ DOLLIMORE, 1991.

¹¹ “A *turning back* upon something and a perverting of it typically if not exclusively through inversion and displacement”. DOLLIMORE, 1991, p. 323.

¹² “Oppositional practice which is also a perspective and language constantly interpreting and re-presenting all sections of a culture, including its dominant and subordinate fractions, its conventional as well as deviant identities”. DOLLIMORE, 1991, p. 33.

¹³ DOLLIMORE, 1991, p. 33. Cf. ainda, SMITH, Hazel. *Hyperscapes in the Poetry of Frank O’Hara*. Difference, Homosexuality, Topography. Liverpool: Liverpool University Press, 2000. p. 104; MARTIN-CLARK, Philip. *Art, Gender, and Sexuality: new readings of Cernuda’s later poetry*. London: The Modern Humanities Research Association, 2000. p. 76.

¹⁴ Cf. KEEFER, Michael (Ed.). *Doctor Faustus* (Christopher Marlowe) – a 1604 version edition. Playmout: Broadview, 2007. p. 41.

¹⁵ DOLLIMORE, 1991, p. 21. Cf., ainda, CLUM, John M. *Gay/Queer and Lesbian Studies, Criticism and Theory*. In: WOLFREYS, Julian (Ed). *Modern British and Irish Criticism and Theory – a critical guide*. Edinburgh: Contributors, 2006. p. 154.

¹⁶ DOLLIMORE, 1991, p. 33. Cf., ainda, CLUM, 2006, p. 154.

¹⁷ DOLLIMORE, 1991, p. 33. Cf., ainda, SMITH, 2000, p. 104.

¹⁸ DOLLIMORE, 1991, p. 8-9. Cf., ainda, SMITH, 2000, p. 105.

de linguagem (d)e resistência¹⁹. Trata-se de “subversão da ordem”²⁰. Em nenhum dos casos se trata, entretanto, de escapar da estrutura vigente – trata-se de subversão por meio da infração de seus códigos, conquanto a ela se permaneça indissociavelmente ligado²¹. Reinscrição transgressiva é um “processo ético”²², “que não pode ser recuperado pela ordem dominante”²³ e que “sempre permanecerá controvertido”²⁴.

Enquanto fenômeno social, a reinscrição transgressiva, portanto, consiste no “retorno do reprimido e/ou silenciado e/ou deslocado pela via do próximo”²⁵. Enquanto estratégia de atores sociais, constitui um modelo de retórica no qual um discurso autorizado é apropriado para uso contra-hegemônico²⁶.

À semelhança daquele em que Dollimore a utiliza, a expressão tem sido empregada predominantemente em contextos de discussão a respeito de homoeroticidade²⁷, mas, além disso, também em contextos sociais de caráter político-social mais

¹⁹ DOLLIMORE, 1991, p. 21. Cf., ainda, CLUM, 2006, p. 154.

²⁰ HOWARD, Jean. *A Companion to Shakespeare's Works: The Comedies*. Malden: Blackwell, 2003. p. 142.

²¹ “Not an escape from existing structures but rather a subversive reinscription within them” [Não uma fuga das estruturas existentes, mas antes uma reinscrição subversiva dentro delas (DOLLIMORE, 1991, p. 21). Cf. FEROLI, Teresa. *Political Speaking Justified – women prophets and the English Revolution*. Cranbury: Rosemont, 2006. p. 74-75.

²² GIBSON, Andrew. *Postmodernity, Ethics and the Novel: from Leavis to Levinas*. London: Routledge, 1999. p. 50.

²³ TZELEPIS, Elena e ATHANASIOU, Athena. *Rewriting Difference: Luce Irigaray and “the Greeks”*. Albany: State University of New York Press, 2008. p. 108.

²⁴ CLETO, Fabio. *Camp – queer aesthetics and the performing subject: a reader*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999. p. 234.

²⁵ “Return of the repressed and/or the suppressed and/or the displaced via the proximate.” DOLLIMORE, 1991, p. 33.

²⁶ DOLLIMORE, 1991, p. 34-35. Cf., ainda, SHUTTLETON, D. The Queer Politics of Gay Pastoral. In: PHILLIPS, R.; WESTH, D. and SHUTTLETON, D. (Eds.). *De-Centring Sexualities: Politics and Representation Beyond the Metropolis*. London: Routledge, 2000. p. 125-46.

²⁷ Por exemplo, a reconfiguração das fronteiras contemporâneas das culturas *queers* (cf. ALDERSON, David e ANDERSON, Linda. *Territories of Desire in Queer Culture – refiguring contemporary boundaries*. New York: Manchester University Press, 2000. p. 126), ou a questão da “autenticidade” em relação à cultura gay e a música pop transnacional (cf. ZUBERI, Nabeel. *Sounds English – transnational popular music*. Illinois: University of Illinois, 2001) e homossexualidade na música (RAYKOFF, Ivan. *Transcription, Transgression and the (pro)creative Urge*. In: FULLER, Sophie e WITHESELL, Lloyd. *Queer Episodes in Music and Modern Identity*. Illinois: University of Illinois, 2002. p. 155-172) e em geral (SEGAL, Lynne. *Straight Sex – rethinking the politics of pleasure*. Berkeley: University of California Press, 1994; TRAUB, Valerie. *The Renaissance of Lesbianism in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 196).

amplo²⁸, bem como no âmbito das relações de gênero²⁹, de identidade³⁰, chegando mesmo aos enfrentamentos político-científicos³¹ e, diretamente ligada à aplicação que se fará no presente artigo, em modelos de reação a estruturas sociais de dominação.³²

Em contexto próximo-homoerótico, observa-se uma tensão próximo-psicanalítica entre desejar e parodiar o “objeto” inserido na reinscrição transgressiva.³³ Todavia, pode-se redirecionar a questão para a relação entre a teologia *queer*, considerando-a, então, como uma forma de reinscrição transgressiva da teologia cristã.³⁴ E ainda se pode inflacionar o conceito por meio da abordagem freudiana da questão do retorno do que foi reprimido pela norma, na forma, agora, do “fora da lei”³⁵. Em contextos mais amplos, trata-se, naquela “ordem social”, plasmada sob o regime ideológico do “nós” *versus* “eles”, da emergência de “dissidentes internos” que “ativa-

²⁸ Por exemplo, as relações sócio-político-culturais em decorrência da colonização inglesa entre irlandeses e ingleses (cf. MURPHY, Andrew. *But the Irish Sea Betwixt us – Ireland, colonialism and renaissance literature*. Lexington: The University Press of Kentucky, 1999. p. 31; MURPHY, Andrew. *Shakespeare’s Irish History*. In: SMITH, Emma (Org.). *Shakespeare’s Histories*. Rev. ed. Malden: Blackwell, 2004. p. 203-224), o tratamento de imagens no cinema (cf. FOSTER, Gwendolyn Audrey. *Captive Bodies – post-colonial subjectivity in cinema*. Albany: University of State of New York Press, 1999. p. 22; DIXON, Wheeler W. *Visions of Paradise: images of Eden in the cinema*. Piscataway: Rutgers University Press, 2006. p. 143) ou a perspectiva comparada de teóricos da cultura (CORONATO, Rocco. *Jonson versus Bakhtin: carnival and the grotesque*. Amsterdam: Rodopi, 2003. p. 12).

²⁹ Por exemplo, CALDER, Alison. “I am Unacquainted with that language, Roman”: male and female experiences of war in Fletcher’s *Bonduca*. In: BARROLL, Leeds (Ed.). *Medieval and Renaissance Drama in England*. Cranbury: Associated University Presses, 1996. v. 8, p. 212.

³⁰ Por exemplo, FINDLAY, Alison. *Illegitimate Power: bastards in Renaissance drama*. Manchester: Manchester University Press, 1994. p. 120-121.

³¹ Por exemplo, a reinscrição transgressiva da “ortodoxia da velha ciência científica”, que, segundo Dušan I. Bjelić, Foucault recomendaria às “tecnologias da moderna subjetividade” (cf. BJELIĆ, Dušan I. *Galileo’s Pendulum: science, sexuality, and the body-instrument link*. Albany: State University of New York Press, 2003. p. 56).

³² Por exemplo, ROSEMANN, Philipp W. *Penser l’Autre: la philosophie africaine en quête d’identité*. *Revue Philosophique de Louvain*, quatrième série, tome 96, n. 2, p. 285-303, 1998. MOSES, Michel Valdez. *Caliban and His Precursors: the politics and literary history and the Third World*. In: PERKINS, David. *Theoretical Issues in Literary History*. London: Harvard, 1991. p. 211 (em nota da p. 210: “uma deliberada recontextualização de passagens do Antigo e do Novo Testamentos, Ngugi [um novelista e dissidente político nigeriano – p. 208] transforma um texto que era usado ideologicamente para subjugar o povo Gikuyu em um que serve para libertá-lo do comando do Império Britânico”); BRYDON, Diana e TIFFIN, Helen. *Decolonising Fictions*. Toronto: Dangaroo, 1993. p. 89.

³³ DOLLIMORE, 1991, p. 321. Cf., ainda, MEYER, Moe. *Under the Sign of Wilde – an archaeology of posing*. In: MEYER, Moe (Ed.). *The Politics and Poetics of Camp*. London: Routledge, 2005. p. 67; LASSEN, Christian. *Sheep Thrills: pastoral camp in the AIDS – elegies of Alan Hollinghorst*. In: JAMES, David e TEW, Philip. *New Versions of Pastoral: post-romantic, modern, and contemporary responses to the Tradition*. Cranbury: Rosemont, 2009. p. 217.

³⁴ Cf. SHORE-GOSS, Robert E. *Gay and Lesbian Theologies*. In: FLOYD, Thomas; Stacey M. e PINN, Antony B. (Eds.). *Liberation Theologies in the United States: an introduction*. New York: New York University, 2010. p. 189.

³⁵ Cf. JOYCE, Simon. *Capital Offenses: geographies of class and crime in Victorian London*. Virginia: University of Virginia Press, 2003. p. 37.

mente criticam a ordem social”³⁶ – o que pode se traduzir, por exemplo, no fenômeno da “reciclagem crítica” da história oficial³⁷, na qual “o dominante”, “desmistificado”, é excluído do “conhecimento” formulado por meio da “reinscrição transgressiva”³⁸, nesse caso, elemento disponível para a organização de identidades em modelos que Pullen e Linstead chamam de “modo de formação de identidade subjetiva de tipo *resistência*”³⁹, “envolvendo uma recodificação de significações que perturba a ordem predominante”⁴⁰. E isso por uma razão: a comunidade político-cultural subordinada mantém sua autonomia no nível da consciência crítica: ideologicamente, ela é *outsider* – encontra-se “dentro”, mas permanece (como que) *outsider* (fora) a seus próprios olhos.⁴¹

A revisão da literatura permite observar que a recepção do conceito de reinscrição transgressiva, quando se dá diretamente por meio de Peter Burke, tende a assumir configurações mais genéricas. Em *Paul, Poverty and Survival*, por exemplo, o termo empregado dá por referência o *History and Social Theory* e, bastante de acordo com a ali identificada inflação semântica da fórmula, o aparato conceitual é definido como “o processo pelo qual o vocabulário pode ser radicalmente adaptado, e até subvertido”⁴².

No Brasil, o conceito de reinscrição transgressiva foi tratado por José Carlos Barcellos, que deixou uma breve análise da expressão como formulada na obra de Dollimore, afirmando que “a reinscrição transgressiva é uma estratégia de intensificação da proximidade e da conversibilidade entre o *outro* e o *mesmo*, e assim tem um imenso potencial desestabilizador dos discursos hegemônicos”⁴³ – o que já tivemos oportunidade de ver.

³⁶ Cf. BJELLAND, Karen. Cressida and the Renaissance “Marketplace” – the role of binarism and amphibology in Shakespeare’s articulation of the Troy Legend. In: MERRIX, Robert P. e RANSON, Nicholas. *Ideological Approaches to Shakespeare: the practice of theory*. Lampeter: Edwin Mellen, 1992. p. 167.

³⁷ Cf. BOWERS, Rick. Hysterics, High Camp and *Dido Queene of Cartaghe*. In: DEATS, Sara Munson e LOGAN, Robert A. *Marlowe’s Empery: expanding his critical contexts*. Cranbury: Rosemont, 2002. p. 97.

³⁸ Cf. SINFIELD, Alan. *Cultural Politics – queer reading*. Nova York: Routledge, 2005. p. 81.

³⁹ Cf. PULLEN, Alison e LINSTAED, Stephen. Introduction: organizing identity. In: PULLEN, Alison e LINSTAED, Stephen (Orgs.). *Organization and Identity*. New York: Routledge, 2005. p. 5-6.

⁴⁰ LINSTAED, Stephen. Dangerous Fluids and the Organization-without-Organs. In: HADDARD, John; HOLLIDAY, Ruth e WILLMOTT, Hugh. *Body and Organization*. London: Sage, 2000. p. 35.

⁴¹ DOLLIMORE, 1991, p. 78.

⁴² MEGGITT, Justin J. *Paul, Poverty and Survival*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1998. p. 104.

⁴³ BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: GARCÍA, Flavio (Org.). *Estudos Literários Reunidos: compilação de 5 artigos de José Carlos Barcellos, já publicados esparsamente em periódicos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. p. 48-49.

Reinscrição transgressiva em Is 4.2-6 – considerações iniciais⁴⁴

² ביום ההוא יהיה צמח יהוה לצבי ולכבוד
Naquele dia, servirá o rebento de Yahweh de joia e de glória,
ופרי הארץ לגאון ולתפארת לפליטת ישראל:
e o fruto da terra, de orgulho e de honra para o resto de Israel.
³ והיה הנשאר בציון והנוותר בירושלם
E estará o restante em Sião e o remanescente em Jerusalém:
קרוש ואמר לו כל-הכתוב לחיים בירושלם:
santo será chamado ele – todo o que estiver escrito para as vidas em Jerusalém.
⁴ אם רחץ אדני את צאת בנות-ציון
Quando tiver lavado Adonai o vômito das filhas de Sião,
ואת-דמי ירושלם ירחיק מקרב
e o sangue de Jerusalém (ele) tiver esfregado de dentro dela
ברוח משפט וברוח בער:
– com espírito de justiça e espírito de queimar –,
⁵ וברא יהוה על כל-מכון הר-ציון ועל-מקראה
então criará Yahweh sobre todo lugar do monte Sião
e sobre as assembleias dela
ענן יומם ועשן וננה אש להבה לילה
uma nuvem de dia, e fumaça e resplendor de fogo de labareda de noite
כי על-כל-כבוד הבה: ⁶ וסכה תקנה לצל-יומם מקרב
– para que, sobre toda glória, baldaquino e tenda sirva(m) de sombra de dia, por
causa do calor,
ולמחסה ולמסתור מזרם וממטר: פ
e de proteção e de abrigo, por causa da chuva e do aguaceiro...

Se a hipótese a ser defendida é a de que, em relação a Is 4.2-6 e à luz da seção anterior do presente ensaio, está-se diante de um caso de reinscrição transgressiva, algumas condições devem ser satisfeitas e demonstradas. Primeiro, os termos com que o “oráculo” se deixa lavrar devem ser termos característicos da cultura hegemônica.⁴⁵ Segundo, a estrutura narrativa deve deixar transparecer que o sentido autorizado dos termos é deliberadamente transgredido pelo/a escritor(a)/narrador(a).⁴⁶ Terceiro, que a transgressão dos termos autorizados é cometida pela comunidade que se encontra em regime de subordinação em relação ao grupo social portador dos termos autorizados,

⁴⁴ O espaço não permite uma discussão exaustiva. O “estudo de caso” apontará apenas as linhas gerais. Para o leitor crítico, permanecerá a sensação de que se deve retornar ao texto e demonstrar mais profundamente as hipóteses aqui delineadas. Para um exercício mais detalhado, cf. RIBEIRO, Oswaldo Luiz. *Sangue e Vômito – reinscrições transgressivas em Is 4,2-6*. ouviroevento, 2006. Disponível em: <http://www.ouviroevento.pro.br/biblicoteologicos/Sangue_e_vomito.htm#_edn2>.

⁴⁵ Cf. notas 13 a 24.

⁴⁶ Cf. notas 13 a 24.

agora transgredidos.⁴⁷ Parece-me correto afirmar que todas as exigências estão plenamente satisfeitas. Em linhas gerais, trata-se do que segue.

***Termini technici* sacerdotais em Is 4.2-6**

“Rebento de Yahweh”, “glória”, “‘resto’, ‘remanescente’ e ‘restante’”, “santo”, “escrito”⁴⁸, “esfregar”, “criar”, “lugar”, “assembleia”, “nuvem”, “esplendor de fogo de labareda” e “tenda” são, todos, termos que, majoritariamente, gravitam em torno do Templo de Jerusalém. Desses – e esse “detalhe” é fundamental para o argumento –, “rebento de Yahweh”⁴⁹, “‘resto’, ‘remanescente’ e ‘restante’”⁵⁰, “esfregar”⁵¹ e “lugar”⁵² são termos técnicos *exclusivos* do aparelho sacerdotal. Isso significa que o “oráculo-poema” constitui-se pelo acúmulo programático de termos sacerdotais, cuja altíssima concentração descarta a possibilidade de “coincidência”. De duas, uma: ou estamos diante da fala de um sacerdote engajadíssimo, ou, ao contrário, estamos diante de um discurso animado pelo regime da reinscrição transgressiva, nesse caso, *contra* aquele sacerdote engajadíssimo...

“Naturalização” dos *termini technici* sacerdotais em Is 4.2-6

Paralelismo poético sinonímico⁵³ é uma técnica de construção de poemas, característica da Bíblia Hebraica, com a qual se elabora uma ideia, expressando-a, todavia, por meio de dois “versos”, o segundo, ratificando o primeiro. Em Is 4.2-6, a técnica está lá. Todavia, um fenômeno retórico se deixa flagrar: aparentemente, o segundo “verso” encontra-se em regime de ratificação sinonímica do “verso” anterior, mas, quando se observa mais atentamente, ocorre, naquele, um processo de “naturalização” dos termos empregados no “verso” que ele deveria ratificar.

⁴⁷ Cf. notas 13 a 24.

⁴⁸ Cf. Sl 87.6 e a referência ao registro dos habitantes de Jerusalém no livro (cf. GROENEWALD, A. *The “Book of Life”* (Psalm 69:29) – a question of life or death? *Verbum et Ecclesia*, n. 1, v. 24, p. 95, 2003). Trata-se, minha hipótese, da referência às listas sacerdotais da *golah*.

⁴⁹ O termo, originalmente aplicado ao rei, é assumido pelo sumo sacerdote após a reconstrução do Templo de Jerusalém (cf. SWEENEY, 1996, p. 94 – aqui, não o acompanhamento no tratamento do v. 2 como originalmente independente dos v. 3-6). Cf. a sequência histórico-social Jr 23.5 – Jr 33.15 – Zc 6.12 – Zc 3.8. O conjunto das ocorrências é: Gn 19.25; Sl 65.11; Is 4.2; 61.11; Jr 23.5; 33.15; Ez 16.7; 17.9,10; Os 8.7; Zc 3.8; 6.12.

⁵⁰ Quanto à relação entre os termos e o Templo, cf. GALLAZZI, Sandro. *A Teocracia Sadocita* – sua história e ideologia. Macapá: edição do autor, 2002. p. 31.

⁵¹ Cf. 2Cr 4.6; Is 4.4; Jr 51.34 e Ez 40.38. Trata-se de um verbo que traduz o ato ritual de lavar, esfregando, para tirar toda a gordura, a carne ritual do sacrifício. Inapelável – *terminus technicus*.

⁵² Outro *terminus technicus* sacerdotal inapelável. מִקְוֵה ocorre apenas em Êx 15.17; 1Re 8.13,39,43,49; 2Cr 6.2,30,33,39; Ez 2.68; Sl 33.14; 89.15; 97.2; 104.5; Is 4.5; 18.4; Dn 8.11, referindo-se, sempre a) ou ao “lugar” sobre o qual se ergue o Templo de Jerusalém, ou b) ao “lugar” sobre o qual se ergue o Templo “celeste” (cosmogônico) de Yahweh.

⁵³ Para o conceito, cf. GABEL, John. B. e WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 44s.

Por exemplo: no v. 2, o que era uma referência ao sumo sacerdote (“rebento de Yahweh”), transforma-se no termo “paralelo” “fruto da terra”. O que era uma referência à pompa e aos enfeites cerimoniais dos trajes do sumo sacerdote (“joia e glória”), transforma-se na hendiáde “orgulho e honra”. No conjunto, uma naturalização referencial-terminológica, tendo como chave o trabalho no campo. No v. 5: o *terminus technicus* מְבוֹרָה é ressignificado na forma das congregações “dela(s)”. A “nuvem de dia” e a “fumaça e resplendor de fogo de labareda de noite” convertem-se em “baldaquino e tenda” para proteção contra o sol, no calor, e contra o aguaceiro, na chuva. No v. 4, o *terminus technicus* יָדֵי – aplicado à “lavagem” e “esfregação” ritual da peça do sacrifício do עֹלָה é empregado para a transgressão das transgressões: o próprio Yahweh “lavar/esfregar” o sangue de Jerusalém de dentro dela⁵⁴. E mais – aquele que permanecerá na tenda e no baldaquino, protegido do sol e da chuva, enquanto trabalha, esse é posto transgressivamente em paralelo poético com nada mais nada menos do que “glória”⁵⁵ – nos termos transgressivos do oráculo, a “glória de Yahweh” não é outra coisa senão o camponês, no trabalho, enquanto trabalha, disso orgulhoso e honrado, no campo...

O processo de “naturalização” é a chave para a transgressão dos *termini technici* sacerdotais. O que, sob o regime “autorizado”, tem significado propriamente teológico, sofre um processo de transgressão semântica e transforma-se num termo de significado “natural”, nesse caso, relacionado diretamente ao campesinato.

A reinscrição transgressiva em Is 4.2-6 opera cooptando os termos sacerdotais, reinscrevendo-os transgressivamente e reelaborando uma visão de mundo de caráter utópico-profético. É a impossibilidade de transformar as condições de vida instaladas no momento de redação/declamação do poema que promove a transposição de seu regime teológico-político para o regime utópico: “naquele dia” (בַּיּוֹם הַהוּא) [v. 2-3] (...), “quando” (כִּשְׁ) [v. 4] (...) “[então] criará Yahweh” (וַיִּבְרָא יְהוָה) [v. 5a] (...) “para que” (כִּי) [v. 5b-6]”.

Identidade do grupo social transgressivo que se expressa em Is 4.2-6

Em Is 4.2-6, a “naturalização” dos *termini technici* sacerdotais se dá em uma única chave: campesinato. Na utopia que se delinea no poema, a comunidade do futuro tem marcas exclusivamente campesinas. Uma vez que o grupo social que maneja

⁵⁴ Hipótese de trabalho que aqui me furto a aprofundar – o sangue menstrual, “causa” retórica da interdição sacerdotal das mulheres às prerrogativas do *mimus* sagrado.

⁵⁵ Pode-se flagrar grosseiro erro de tradução da frase על-פל-בבור do v. 5a em várias versões (*A Bíblia de Jerusalém*, por exemplo, e em conceituados exegetas (Croatto, por exemplo, que, ao contrário do sentido da fórmula – “sobre toda a glória”, faz da glória não algo que está embaixo, isto é, sob proteção, mas em cima, isto é, protegendo: “esta (a *sua* [sic] glória), por sua vez, servirá de toldo protetor para o povo”. Croatto transgrediu a transgressão [CROATTO, José Severino. *Isaias. I: 1-39*. O profeta da justiça e da fidelidade. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal; São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1989. p. 49].

a reinscrição transgressiva tem em mira a “inversão da sorte”⁵⁶, incluindo-se muito evidentemente a si mesmo no projeto de restauração da vida, segue-se, quer-me parecer, necessariamente, que uma e apenas uma deve ser a identidade desse grupo social – camponeses.

A identidade da liderança campesina inserida no horizonte da utopia em Is 4.2-6

Todavia, não se vá imaginar que são camponeses eles mesmos a tanto imaginar sua utopia, quanto, menos ainda, elaborar o próprio poema onde ela é lavrada e invocada. A despeito de a utopia ser desenhada como um futuro de vida digna e trabalho no campo, o que sugere a identidade campesina do grupo social subordinado ao poder sacerdotal, as marcas que caracterizam os agentes oraculares apontam na direção de mulheres – profetisas extáticas, muito provavelmente.

O intrincado tecido narrativo indica que se trate de liderança profética campesina, mulheres expropriadas de suas prerrogativas religiosas, a cuja expropriação se teria seguido, assim – ao menos sob sua ótica –, o esfacelamento do tecido social próprio da comunidade em que exerciam seu *mínus* profético.

O argumento é mais simples do que a sua adequada demonstração. Is 4.2-6 está composto na forma de quiasmo: A – X – A’ (2-3A – 4X – 5-6A’). Isso quer dizer que o centro nervoso do oráculo utópico encontra-se no v. 4. O que, como utopia, está invocado nos v. 2-3 e 5-6 depende da concretização do que, como condição da utopia, está invocado no v. 4.

No v. 4, encontram-se “as filhas de Sião” e “Jerusalém”. Aquelas, vomitadas⁵⁷. Esta, marcada de sangue. Yahweh vai lavar o vômito das filhas de Sião e vai “esfregar” o sangue de Jerusalém de dentro dela. Marcada de sangue, Jerusalém é lavada pela própria mão de Yahweh, cujo processo é descrito em paralelo com o holocausto da perna do cordeiro, sacrifício de louvor, o “pedaço especial”. Se se trata – é minha hipótese de trabalho – do sangue menstrual, justificativa retórico-política para a interdição das mulheres ao *mínus* sagrado, e sendo a menstruação tratada pelo clero sacerdotal como “coisa imunda”, intocável, sob risco certo de contaminação ritual, narrar-se que Yahweh, com sua própria mão, há de lavar o sangue da “peça sagrada”, aceitando-a como sacrifício de louvor a si mesmo, isso quer me parecer uma “transgressão” considerável – o que aos sacerdotes aparece como “coisa imunda”, sob o efeito da reinscrição transgressiva de Is 4.2-6 surge, reelaborado, como “oferta suave” do próprio Yahweh para si mesmo.

Isso no v. 4b. No v. 4a aparece o termo מַצֵּי , que as versões traduzem por “imundície”, mas que, após uma consulta a todas as suas ocorrências na Bíblia He-

⁵⁶ Para o conceito de “inversão da sorte”, cf. GOTTWALD, 1986, p. 539ss.

⁵⁷ A tradução corrente “imundície” ou “culpa” para o termo hebraico מַצֵּי não me parece atender aos indícios semântico-fenomenológicos internos à Bíblia Hebraica, onde as ocorrências do termo apontam, sempre, para fezes ou vômito (cf. Dt 23.14; Pv 30.12; Is 28.8; Ez 4.12).

braica, revela impor duas possibilidades de sentido: fezes ou vômito.⁵⁸ Penso que, referindo-se à assim alegada “impureza ritual” menstrual de mulheres, o sangue do v. 4b sugere que *תִּזְבֹּחַ* deve ter sido usado para também referir-se a algum aspecto de algum fenômeno igualmente ritual, sempre relacionado, então, às mulheres. Ainda me encontro na etapa de aprofundar a pesquisa nesse ponto específico, mas adiantaria a hipótese de que se trata do vômito como consequência fisiológica precisa de “estados alterados de consciência” obtidos em ritos em que está envolvida a ingestão de substâncias enteógenas.⁵⁹ Isso indicaria: a) a condição de “profetisas extáticas”, que se deve admitir caracterizar essas mulheres; b) a presença de ritos próximo-xamânicos enteogenicamente promovidos; c) a ocorrência de reações somáticas – vômito (agora, então, utilizado pelo clero como justificativa de impureza ritual para o serviço sagrado dessas mulheres) – em decorrência da ingestão dos ingredientes enteógenos; d) a caracterização de pelo menos parte da liderança campesina constituir-se de profetisas extáticas; e) cuja liderança teria sido expropriada pelo clero sacerdotal de Jerusalém.⁶⁰

Nesse sentido, é a partir de seu olhar de líderes expropriadas de suas prerrogativas e práticas que a (sua) utopia se desenha – “naquele dia”, suprimidas as interdições que a força clerical/sacerdotal impôs à profecia feminina no campo, a vida e o trabalho dos homens e das mulheres voltará à normalidade, assim como as mulheres retornarão ao seu *mînus* sagrado, naquele dia, quando Yahweh, então, tiver lavado o sangue e seu vômito delas, essas coisas muito naturais de mulheres que sangram, pelo fato de serem quem são, e vomitarem, pelo fato de “irem” aonde vão e “verem” o que veem pela força do que ingerem – também isso, não duvido, uma coisa muito “natural” e do que, segundo elas mesmas, Yahweh, então, muito gostava.

Considerações finais

Esboçadas as linhas gerais da proposta de se aplicar o conceito de reinscrição transgressiva a Is 4.2-6, o próximo passo é aprofundar o exercício e verificar mais detalhadamente sua procedência teórico-metodológica. É preciso verificar se cada palavra de Is 4.2-6 funciona bem sob a proposta de ter sido o oráculo elaborado desde a sua origem como uma peça de transgressão do discurso hegemônico do templo. O esboço apresentado não é suficiente – e se fez na forma concisa em função do espaço disponível. Há mais e muito que se fazer.

⁵⁸ Cf. nota 57.

⁵⁹ Ciente do tema controverso, para o tema da pesquisa sobre “enteogenia” remeto a: CLIFTON, Chas S. Entheogens. In: TAYLOR, Bron R. (Ed.). *The Encyclopedia of Religion and Nature*. New York: Thoemmes Continuum, 2005. p. 596-597; HOOD JR., Ralph W. Mytical, Spiritual and Religious Experiences. In: TAYLOR (Ed.), 2005. p. 353-356.

⁶⁰ Não tenho a pretensão de ter demonstrado a hipótese. É o que é: uma hipótese. Mas esconde-se sob ela uma tese de doutorado, à espera de que seja de lá recolhida. Caso outro pesquisador que não eu mesmo chegue a tanto, terá tido o mérito da demonstração do que aqui se assenta conscientemente como intuição e hipótese, metodologicamente, todavia, já de todo delineada.

Todavia, é a pressuposição com que se termina esse esboço metodológico, permanecerão válidas as observações gerais do ensaio: Is 4.2-6 foi redigido por intelectual orgânico(a) vinculado à liderança profético-extática feminina da comunidade campesina subjugada ao poder hegemônico hierocrático do clero de Jerusalém, consistindo o oráculo na reinscrição transgressiva dos termos técnicos com que o Templo legitima seu poder, naturalizando-os e neutralizando-os, ao mesmo tempo em que projeta utopicamente a reconfiguração da comunidade em torno de seu trabalho agrícola, sob as bênçãos de Yahweh.

Referências bibliográficas

Sobre reinscrição transgressiva

- ALDERSON, David e ANDERSON, Linda. *Territories of Desire in Queer Culture – refiguring contemporary boundaries*. New York: Manchester University Press, 2000.
- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: GARCÍA, Flavio (Org.). *Estudos Literários Reunidos: compilação de 5 artigos de José Carlos Barcellos, já publicados esparsamente em periódicos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. p. 31-66.
- BJELIĆ, Dušan I. *Galileo's Pendulum: science, sexuality, and the body-instrument link*. Albany: State University of New York Press, 2003.
- BJELLAND, Karen. Cressida and the Renaissance “Marketplace” – the role of binarism and amphibology in Shakespeare’s articulation of the Troy Legend. In: MERRIX, Robert P. e RANSON, Nicholas. *Ideological Approaches to Shakespeare: the practice of theory*. Lampeter: Edwin Mellen, 1992. p. 165-186.
- BOWERS, Rick. Hysterics, High Camp and *Dido Queene of Cartaghe*. In: DEATS, Sara Munson e LOGAN, Robert A. *Marlowe's Empery: expanding his critical contexts*. Cranbury: Rosemont, 2002. p. 95-106.
- BRYDON, Diana e TIFFIN, Helen. *Decolonising Fictions*. Toronto: Dangaroo, 1993.
- BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- CALDER, Alison. “I am Unacquainted with that language, Roman”: male and female experiences of war in Fletcher’s *Bonduca*. In: BARROLL, Leeds (Ed.). *Medieval and Renaissance Drama in England*. Cranbury: Associated University Presses, 1996. v. 8, p. 211-226.
- CLETO, Fabio. *Camp – queer aesthetics and the performing subject: a reader*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- CLUM, John M. Gay/Queer and Lesbian Studies, Criticism and Theory. In: WOLFREYS, Julian (Ed.). *Modern British and Irish Criticism and Theory – a critical guide*. Edinburgh: Contributors, 2006. p. 150-164.
- DIXON, Wheeler W. *Visions of Paradise: images of Eden in the cinema*. Piscataway: Rutgers University Press, 2006.
- DOLLIMORE, Jonathan. *Sexual Dissidence: Augustine to Wilde, Freud to Foucault*. Oxford: Clarendon, 1991.
- FEROLI, Teresa. *Political Speaking Justified – women prophets and the English Revolution*. Cranbury: Rosemont, 2006.
- FOSTER, Gwendolyn Audrey. *Captive Bodies – postcolonial subjectivity in cinema*. Albany: University of State of New York Press, 1999.
- JOYCE, Simon. *Capital Offenses: geographies of class and crime in Victorian London*. Virginia: University of Virginia Press, 2003.

- KEEFER, Michael (Ed.). *Doctor Faustus* (Christopher Marlowe) – a 1604 version edition. Ed. Playmout: Broadview, 2007.
- LASSEN, Christian. Sheep Thrills: pastoral camp in the AIDS – elegies of Alan Hollinghorst. In: JAMES, David e TEW, Philip. *New versions of pastoral: post-romantic, modern, and contemporary responses to the Tradition*. Cranbury: Rosemont, 2009. p. 217-229.
- LINSTEAD, Stephen. Dangerous Fluids and the Organization-without-Organs. In: HADDARD, John; HOLLIDAY, Ruth e WILLMOTT, Hugh. *Body and Organization*. London: Sage, 2000. p. 31-51.
- MARTIN-CLARK, Philip. *Art, Gender, and Sexuality: new readings of Cernuda's later poetry*. London: The Modern Humanities Research Association, 2000.
- MEYER, Moe. Under the Sign of Wilde – an archaeology of posing. In: MEYER, Moe (Ed.). *The Politics and poetics of camp*. London: Routledge, 2005. p. 65-93.
- MOSES, Michel Valdez. Caliban and His Precursors: the politics and literary history and the Third World. In: PERKINS, David. *Theoretical Issues in Literary History*. London: Harvard, 1991. p. 206-226.
- MURPHY, Andrew. *But the Irish Sea Betwixt us – Ireland, colonialism and renaissance literature*. Lexington: The University Press of Kentucky, 1999.
- PULLEN, Alison e LINSTEAD, Stephen. Introduction: organizing identity. In: PULLEN, Alison e LINSTEAD, Stephen (Org.). *Organization and Identity*. New York: Routledge, 2005. p. 1-17.
- RAYKOFF, Ivan. Transcription, Transgression and the (pro)creative Urge. In: FULLER, Sophie e WITHESELL, Lloyd. *Queer Episodes in Music and Modern Identity*. Illinois: University of Illinois, 2002.
- ROSEMANN, Philipp W. Penser l'Autre: la philosophie africaine en quête d'identité. *Revue Philosophique de Louvain*, quatrième série, tome 96, n. 2, p. 285-303, 1998.
- SHORE-GOSS, Robert E. Gay and Lesbian Theologies. In: FLOYD-Thomas, Stacey M. e PINN, Antony B. (Eds.). *Liberation Theologies in the United States: an introduction*. New York: New York University, 2010. p. 181-208.
- SHUTTLETON, D. The Queer Politics of Gay Pastoral. In: PHILLIPS, R.; WESTH, D. and SHUTTLETON, D. (Eds.). *De-Centring Sexualities: Politics and Representation Beyond the Metropolis*. London: Routledge, 2000. p. 125-146.
- SINFIELD, Alan. *Cultural Politics – queer reading*. Nova York: Routledge, 2005.
- SMITH, Hazel. *Hyperscapes in the Poetry of Frank O'Hara*. Difference, Homosexuality, Topography. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.
- TZELEPIS, Elena e ATHANASIOU, Athena. *Rewriting Difference: Luce Irigaray and "the Greeks"*. Albany: State University of New York Press, 2008.
- ZUBERI, Nabeel. *Sounds English – transnational popular music*. Illinois: University of Illinois, 2001.

Sobre Is 4.2-6

- CROATTO, José Severino. *Isaías. I: 1-39*. O profeta da justiça e da fidelidade. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal; São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1989.
- GABEL, John B. e WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura – uma introdução*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- GALLAZZI, Sandro. *A Teocracia Sadocita – sua história e ideologia*. Macapá: edição do autor, 2002.
- GOTTWALD, Norman K. *Tribos de Yahweh*. Uma sociologia da religião de Israel liberto – 1250-1050 a.C. São Paulo: Paulinas, 1986.

- GROENEWALD, A. The “Book of Life” (Psalm 69:29) – a question of life or death? *Verbum et Ecclesia*, n. 1, v. 24, p. 93-103, 2003.
- HOOD JR., Ralph W. Mytical, Spiritual and Religious Experiences. In: PALOUTZIAN, F. e PARK, Crystal L. *Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality*. New York: The Guilford Press, 2005. p. 348-364.
- NIELSEN, Kirsten. *There is Hope for a Tree – the tree as metaphor in Isaiah*. Sheffield: Sheffield Press, 1985.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Sangue e Vômito – reinscrições transgressivas em Is 4,2-6*. ouviroevento, 2006. Disponível em: <http://www.ouviroevento.pro.br/biblicoteologicos/Sangue_e_vomito.htm#_edn2>.
- SWEENEY, Marvin Alan. *Isaiah 1-39: with an introduction to prophetic literature*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
- WILDBERGER, Hans. *Isaiah: Isaiah 1-12*. Minneapolis: Fortress, 1991.